

II PARTE

MULTICULTURALISMO SOB DIVERSOS ENFOQUES E ANÁLISES

Na continuidade da pesquisa sobre o tema MULTICULTURALISMO trazemos alguns enfoques sob diversos pontos e vista, e que poderão tornarem-se estudos ampliados, e adotados em palestras, discursos, novas pesquisas acadêmicas, em políticas públicas etc. a partir dos links que são inseridos. Colocamos-nos à disposição para maiores esclarecimentos e aceitamos sugestões, críticas e inclusão de novos temas.

Abraço. Equipe ESPAÇO MULHER

Obs: rogamos que sejam sempre citadas as autorias e as respectivas fontes de qualquer texto ou citação aqui sugerida, tanto em trabalhos escritos como em palestras. Verifique a Fonte citada abaixo de cada texto, com respectivo Link.

1 - O MULTICULTURALISMO E O ENSINO apresentamos um artigo de Walter Praxedes, intitulado: A diversidade humana na escola: reconhecimento, multiculturalismo e tolerância.

A diversidade humana na escola: reconhecimento, multiculturalismo e tolerância

“A formação das identidades depende dos processos de socialização e de ensino e aprendizagem que ocorrem de acordo com as características físicas, cognitivas, afetivas, sexuais, culturais e étnicas dos envolvidos nos processos educativos.

O desenvolvimento da identidade do ser humano, como nos ensina Habermas (1983), pode ser analisado como um processo de aprendizagem:

a) Lingüística: para a comunicação;

b) Cognitiva: para a busca dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade;

c) Interativa: para a ação e a interação com o outro.

De uma perspectiva geral, todos os processos educativos devem levar ao desenvolvimento desses três conjuntos de competências.

A educação é o resultado de relações sociais que podem capacitar aqueles que participam do processo educativo para:

a) a sobrevivência nas sociedades contemporâneas;

b) a busca da superação da ordem social existente;

c) os objetivos a) e b);

d) nenhum dos dois objetivos.

Cabe aos participantes dos processos educativos a decisão sobre a ênfase que será adotada. A educação é também um processo social do qual participamos enquanto realizamos uma opção entre diferentes valores e objetivos a serem alcançados.

Uma educação democrática é aquela em que todos os envolvidos podem participar na definição dos rumos da educação, e não só os dirigentes, professores, acadêmicos e técnicos.

A escola é um espaço público para a convivência fora da vida privada, íntima, familiar. Ao nos capacitarmos para a convivência participativa na escola, participamos de um processo de aprendizagem que também nos ensina como participar do restante da vida social.

A escola como esfera pública democrática pode possibilitar a capacitação de pais, alunos e educadores para a participação na busca de soluções para os problemas da escola, do bairro, da cidade, do Estado, do País e da vida da espécie humana no Planeta.

A democracia é um processo de negociação permanente dos conflitos de interesses e idéias. Para haver essa negociação permanente é preciso o respeito à diferença. Uma escola que respeita a diferença é uma escola pluralista que ensina a viver em uma sociedade que também é heterogênea.

Para tanto, todos devem ter o direito de falar, opinar e participar nos processos decisórios. É participando que se aprende a participar. Uma escola “perfeita”, na qual ninguém precisa dar nenhuma opinião, é um desastre educativo. O problema é que o controle e a disciplina, a idéia de ordem, organização e limpeza muitas vezes se tornam prioritários em relação ao direito de participação.

Um ponto de partida para que exista o respeito à diversidade na escola é aceitarmos que os agentes que interagem na escola têm interesses, visões de mundo e culturas diferentes e nenhum de nós tem o monopólio da verdade, da inteligência e da beleza. Daí a necessidade de negociações permanentes para que todos façam concessões, e todos tenham ao menos parte dos seus interesses e valores contemplados no espaço público da escola.” (...)

FONTE: <http://www.espacoacademico.com.br/042/42wlap.htm>

2 - LIDERANÇAS E MULTICULTURALISMO apresentamos a reportagem do evento realizado na Conferência Regional das Américas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Brasília., e que na cerimônia de abertura reuniu autoridades de 21 países no Palácio do Planalto e contou com a presença de 600 participantes, entre autoridades governamentais, sociedade civil e agências de cooperação internacional. A reportagem está intitulada como:

Autoridades governamentais aliam-se à sociedade civil na luta contra todas as formas de discriminação

A abertura da reportagem cita uma frase de “autoria de Doudou Diène: Nada se resolve no futuro, se não tivermos plena consciência do que originou o que estamos vivenciando hoje.”

“Passados cinco anos da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, o encontro regional possibilitou uma reflexão sobre a concretização do Plano de Ação de Durban nas Américas, destino das populações africanas escravizadas e de expressivo contingente indígena no período colonial.

A mesa da cerimônia foi composta pela ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; o embaixador Antônio Patriota, do Ministério das Relações Exteriores; o embaixador Juan Matabit, chefe da Delegação do Governo do Chile; Maria Francisca Ize Charrin, representante do Alto Comissariado de Direitos Humanos da ONU; Doudou Diène, relator Especial sobre as Formas Contemporâneas de Racismo da ONU; Edna Roland, representante do grupo de especialistas que acompanham o cumprimento das políticas de combate ao racismo e discriminação nas Américas; a presidente do

Partido Ação e Cidadania da Costa Rica, Epsy Campbell, e o líder indígena Marcos Terena, representantes da sociedade civil no Comitê Internacional da Conferência Regional das Américas, além de José Augusto de Gomes, representando a Petrobrás.

Preservação étnico-cultural

Em seu discurso, a ministra Matilde Ribeiro apontou como fundamental a análise dos resultados das relações raciais e étnicas na região das Américas, destacando a diversidade do ponto de vista da cultura e do modo de vida dos povos. “Não podemos cruzar os braços diante de desigualdades raciais históricas, portanto vale a pena sim investir em ações afirmativas, vale a pena sim investir na somatória entre as cotas sociais e cotas raciais porque estivemos ao longo da história. Foram esquecidos os povos indígenas, a população negra e afrodescendente. Temos a responsabilidade enquanto governo e sociedade civil em traçar políticas públicas para elevação da qualidade de vida desses grupos”, destacou a ministra brasileira.” (...)

FONTE: Ivan Richard - Agência Brasil; Valter Campanatto/ABr; Conchita RochaCarina Bini

<http://www.planalto.gov.br/seppir/informativos/080.htm>

3 - MULTICULTURALISMO E A MÍDIA é um tema que precisa ser incluído nas discussões temáticas acadêmicas na área da comunicação além de ser um novo ponto de vista a ser observado por quem trabalha na produção de programas televisivos, radiofônicos e na elaboração de pautas de mídia impressa. Trazemos aqui a pesquisa da professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil - DENISE COGO, e intitulado:

Multiculturalismo e mídia impressa: narrativas sobre os 500 anos de descobrimento do Brasil

Resumo

“Neste artigo, são apresentados os resultados das análises quantitativa e qualitativa de um total de 3.288 textos sobre o Quinto Centenário de Descobrimento do Brasil veiculados por uma amostra de nove jornais da mídia impressa brasileira entre 1997 e 2000. As análises integram as conclusões de uma das etapas do projeto de pesquisa “Multiculturalismo e esfera midiática: a (re)descoberta dos 500 anos de Descobrimento do Brasil”, que visou ao estudo da produção e da recepção das estratégias de midiaticização das identidades culturais nas mídias impressa e televisiva brasileiras no marco das celebrações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.

1. Multiculturalismo e campo midiático: da emergência de um evento sociocultural na esfera das mídias

[...] Somos talvez a maior nação multirracial e multicultural do mundo ocidental, senão em número de habitantes, na capacidade integradora da civilização que fundamos. Essa diversidade e sua mestiçagem constituem a marca do nosso povo, o orgulho de nosso país, o emblema que sustentamos no pórtico do nosso século. E essa identidade dá-nos a base para a entrada do novo milênio, o da civilização global, nos distingue pelos valores da tolerância, permite que reflitamos, a partir dela, o quanto conseguimos caminhar nesses 500 anos.

O discurso proferido pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso na abertura oficial das comemorações do Quinto Centenário de Descobrimento do Brasil no ano 2000, sugere o quanto as identidades culturais ressurgem como categoria central para tomar corpo no campo midiático através de um conjunto de estratégias discursivas que, nomeadas como 500 anos, reatualizam nosso imaginário de nação assegurado pela nossa ampla vocação e habilidade para a chamada coexistência multicultural, quase como espécie de mono revestido de multiculturalismo.” (...)

FONTE:

<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/utopie/word/Cogo.doc>

4 - O MULTICULTURALISMO E A IDENTIDADE: neste tema selecionamos a palestra da jornalista ANA MARIA MACHADO, durante um evento sobre mídia:

Muitas vozes e todos os ecos no jardim

(...) “Fui jornalista muitos anos, tendo trabalhado para jornais, revistas e rádio, aqui no Brasil, na França e na Inglaterra. Mas sou mesmo é artista criadora, uma escritora que vem contando histórias para todas as idades há mais de 100 livros, completando este ano uma trajetória de 35 anos de atividade constante. É desse território que falo, portanto. Do ângulo de alguém que conhece por dentro uma redação e a forma como a mídia trabalha no dia-a-dia, mas, principalmente, a partir de um ponto de vista de quem dedica a vida a lidar com textos, crianças e adolescentes.

Faço questão de assinalar esse ponto de partida porque ele explica meu enfoque. Não tenho nenhuma pretensão de apontar caminhos. Falo apenas a partir de minha experiência, com uma visão forçosamente pessoal. E esse enfoque passa pela arte e pela literatura, coisas de que a mídia procura cada vez mais se afastar? o que é bastante compreensível. Afinal de contas, é próprio da criação artística se constituir na expressão de uma individualidade, de uma subjetividade - muitas vezes, daquilo que é único, incomum, de uma exceção. E a mídia se orgulha, em sua racionalidade, de querer ser objetiva, mediana, comum, global - tanto numa linguagem média, acessível a todos e imediata, quanto nos temas abordados e nos pontos de vista com que eles são tratados. Em outras palavras, a mídia tende a uma homogeneização crescente e redutora enquanto o caminho da arte valoriza o original, o diferente, o heterogêneo, o outro. Uma busca fortalecer o que muitos podemos ter em comum. Outra procura preservar o que cada um pode ter de único e diferente.

E, se é inegável que o alcance da mídia pode ser muito maior e atingir muito mais gente, contribuindo para distribuir a informação e o conhecimento pelo mundo, possibilitando a democratização das sociedades, também é verdade que esse processo será inteiramente frustrado se não garantir a possibilidade de que muitas vozes sejam ouvidas e não souber aceitar que essas vozes diferentes possam parecer dissonantes. Dissonantes e até desafinadas. Não apenas nos temas de que tratam, nas luzes que lançam sobre eles e no que deixam na sombra, no ângulo que escolhem para observar o real e narrar o que vêem, mas sobretudo na linguagem com que o fazem.

Esse é aspecto muito enriquecedor do convívio de muitas vozes. No fundo, essa é uma questão artística, de manifestação estética, de aceitação de elementos de

ruptura e também da linguagem simbólica do outro, do vocabulário e da sintaxe alheios. Uma mídia que utilize uma linguagem única para se expressar está exercendo, na prática, uma forma de censura - o que costumo chamar de censura do sim, que não proíbe, mas obriga a só aceitar um figurino. Até mesmo porque reduz qualquer intercâmbio cultural à aceitação de padrões meramente técnicos, mesmo quando se esquia do francamente comercial.” (...)

FONTE:

<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/818>

<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/819>

5 - MULTICULTURALISMO E IDENTIDADE NACIONAL: a professora de Teoria Literária e Literatura Comparada: LIGIA CHIAPPINI, apresenta um ensaio que discute muito bem este tema e se intitula:

Multiculturalismo e Identidade Nacional

“O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma de transformações sociais básicas, ocorridas na segunda metade do século XX, no mundo todo pós-segunda guerra mundial. Pode ser visto também como uma ideologia, a do politicamente correto, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo é, antes de mais nada, um questionamento de fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação nela baseado. Visto como militância, o multiculturalismo implica em reivindicações e conquistas por parte das chamadas minorias. Reivindicações e conquistas muito concretas: legais, políticas, sociais e econômicas.

Para a maior parte dos governos, grupos ou indivíduos que não conseguem administrar a diferença e aceitá-la como constitutiva da nacionalidade, ela tem de estar contida no espaço privado, em guetos, com maior ou menor repressão, porque é considerada um risco à identidade e à unidade nacionais. Mas não há como negar que, cada vez mais, as identidades são plurais e as nações sempre se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial.

*O multiculturalismo é hoje um fenômeno mundial (estima-se que apenas 10 a 15% das nações no mundo sejam etnicamente homogêneas). Costuma, porém, ser considerado um fenômeno inicialmente típico dos Estados Unidos, porque este país tem especificidades que são favoráveis à sua eclosão. Essa especificidade é "histórica, demográfica e institucional". Mas, outros países que não necessariamente têm as mesmas condições - as quais, segundo Andrea Semprini, em *Multiculturalismo (EDUSC, com tradução de Laureano Pelegrin)*, são: a existência de instituições democráticas, de uma economia pós-industrial em via de*

*globalização e de uma população heterogênea - também apresentam esse fenômeno. Entre esses, Canadá, Austrália, México e Brasil, especialmente devido à presença de "minorias nacionais autóctones" por longo tempo discriminadas. Canadá e Austrália têm sido apontados como exemplares, devido a algumas conquistas fundamentais e relativamente recentes. Mesmo na Europa, nos lembra Semprini, há minorias que hoje reivindicam seu reconhecimento e, às vezes, como no caso dos Bascos na Espanha, de forma violenta. Conflitos e contradições também se encontram na França e na Alemanha. De acordo com Semprini, na França, o caso do véu islâmico fala por si só e, na Alemanha, a discussão interminável sobre a integração dos turcos e o direito à dupla nacionalidade volta sempre, mesmo que, hoje, disfarçada no que o partido democrata cristão vem chamando de *Leitkultur* - definido por uns como cultura de referência alemã, à qual os imigrantes deveriam se adaptar (como defendeu, levantando polêmica, Friedrich Merz, presidente do CDU-CSU, em outubro de 2000), e por outros, mais radicalmente, como cultura dominante". (...)*

FONTE:

http://www.celpsyro.org.br/multi_identNacional.htm

6 - MULTICULTURALISMO INTELECTUAL: foi publicado na Revista USP (Universidade de São Paulo), no. 42, junho/agosto 1999, págs. 84-95.e trata-se de uma pesquisa de autoria de ROBERTO FERNÁNDEZ em que observa certos fatos que ocorrem nos meios intelectuais acadêmicos:

Multiculturalismo Intelectual

(...) "A palavra multiculturalismo tem geralmente uma conotação positiva: refere-se à coexistência enriquecedora de diversos pontos de vista, interpretações, visões, atitudes, provenientes de diferentes bagagens culturais. O termo serve de etiqueta para uma posição intelectual aberta e flexível, baseada no respeito desta diversidade e na rejeição de todo preconceito ou hierarquia. As várias óticas devem ser consideradas em pé de igualdade; afirmações ou construções teóricas só podem ser julgadas em relação ao ponto de vista cultural. Não tem sentido falar de contradição, só de diferença. Não tem sentido falar de verdade tout court, só de verdade para um determinado grupo cultural. O multiculturalismo apregoa uma visão caleidoscópica da vida e da fertilidade do espírito humano, na qual cada indivíduo transcende o marco estreito da sua própria formação cultural e é capaz de ver, sentir e interpretar por meio de outras apreciações culturais. O modelo humano resultante é tolerante, compreensivo, amplo, sensível e fundamentalmente rico: a capacidade interpretativa, de observação e até emotiva, se multiplica.

O multiculturalismo que venho comentar aqui não tem, porém, conotações positivas. Por falta de termo alternativo estabelecido, estou usando o mesmo vocábulo para assinalar a situação oposta à do parágrafo anterior: a tendência ao fechamento ou bloqueio cultural, a falta de vontade, ou capacidade, para transcender os limites de sistemas construídos, ignorando o que acontece além de seus muros, a potencial criação de um modelo humano incompleto, limitado, estreito e fundamentalmente pobre. E, tristemente, este multiculturalismo pernicioso está acontecendo nos mais altos círculos intelectuais, incluindo, muito especialmente, o meio acadêmico. Estou me referindo ao divórcio entre certos setores das ciências humanas e as ciências naturais. O fenômeno não é recente nem desconhecido; seu diagnóstico oficial data, pelo menos, das palestras de C. P.

Snow em 1956 [1]. Pessoalmente, dei-me conta da persistência, gravidade e acentuação do problema no encontro” (...)

FONTE: <http://www.physics.nyu.edu/faculty/sokal/fernandez.html>

7 - MULTICULTURALISMO E A TOLERÂNCIA

"Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro?"*

A pesquisa de HOLGONSI SOARES GONÇALVES SIQUEIRA (que foi publicado no Jornal "A Razão" em 26.06.2003) traz uma luz sobre o tema e tem o título:

Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo Outro?

“A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (Homi Bhabha). O atual processo de globalização, impulsionado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, está interligando o mundo, estruturando a construção de uma sociedade multiétnica, e conseqüentemente confrontando diferentes ideologias, culturas e conceitos. Relembro a idéia de "compressão do tempo-espaço", analisada por D.Harvey ao explicar as mutações que levaram o mundo a uma condição de pós-modernidade (formando-se uma sociedade pós-moderna caracterizada por infinitas trocas instantâneas), para dizer que a nova comunicação global ao alterar a nossa percepção de tempo-espaço (trazendo o distante para perto, e ao mesmo tempo nos levando para o distante), também alterou a nossa relação com o "Outro", ampliando extraordinariamente nossas possibilidades de contato com modos diferentes de vidas.

Ora, sendo o processo de globalização uma dialética entre o local e o global, concordo então com Giddens que "este é um mundo em que o "Outro" não pode mais ser tratado como inerte", colocando-se como uma exigência de um contexto de globalizações a compreensão da alteridade. O não reconhecimento do "Outro" como ser humano pleno, com os mesmos direitos que os nossos, tem dado muito espaço na pós-modernidade para a xenofobia e o racismo, as guerras étnicas, a segregação e a discriminação baseadas na raça, na idade, na etnia, nas questões sexuais, de gênero ou na classe social, resultando isto em altos graus de violência.

Em um contexto de "relações sociais intensificadas", o multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar.

De um lado, destaco um multiculturalismo de cunho conservador, que busca a conciliação das diferenças com base no mito da harmonia. Esta construção ideológica nega que as relações entre as comunidades pós-modernas são marcadas por antagonismos e conflitos, reiterando os estereótipos e estigmas que recaem sobre as chamadas "minorias" (que as vezes tornam-se maiorias), e coloca-nos frente a uma concepção estática de cultura. H.Bhabha adverte que a harmonia só é alcançada em condições tácitas de normas sociais construídas e administradas pelo grupo dominante, obscurecendo-se, portanto o exercício do poder. Sob esta ótica o multiculturalismo encoraja o crescimento da tolerância, mas, tolerar, não significa acolher, não significa envolvimento ativo com o Outro. Tolerância, é reconhecimento simplificado do Outro, é reforço do sentimento de superioridade; significa suportar a existência do Outro e de seu pensamento/ação diferentes.

De outro lado, destaco o multiculturalismo crítico (também chamado de revolucionário, ou emancipatório, ou contra-hegemônico), o qual tendo por base a política cultural da diferença, questiona o monoculturalismo, evidencia as contradições socioculturais fazendo vir à tona as diferenças e as ausências de muitas vozes que foram caladas pelas metanarrativas da modernidade. Ao rejeitar todo o preconceito ou hierarquia, este multiculturalismo baseia-se no respeito ao ponto de vista, às interpretações e atitudes do Outro, constituindo-se numa fonte de possibilidades de transformação e de criação cultural. Sendo assim, evidenciamos um entendimento dinâmico de cultura, a qual deixa de ser um conjunto de características rígidas transmitidas de geração em geração, e passa a ser uma elaboração coletiva que se reconstrói a partir de denominadores inter-culturais. Sob a ótica do multiculturalismo crítico, o reconhecimento do Outro tem um significado mais complexo e profundo.” (...)

FONTE: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/multicultura.html>